

Nota prévia sôbre a melhoria de coberturas vegetais pelo emprêgo de herbicidas seletivos

MÁRIO COELHO (1)
DARDANO DE A. LIMA (2)
Engs. Agrônomos

A ação seletiva de alguns herbicidas, mormente o 2,4-D e o 2,4,5-T permitem o uso dos mesmos sôbre vegetações mistas, com a morte das espécies indesejáveis e o desenvolvimento de outras mais úteis, sob o aspecto cultural.

Desejamos relatar nesta nota prévia os resultados obtidos no tratamento de vegetação baixa de um coqueiral situado sôbre restinga e também as primeiras observações sôbre os resultados iniciais de um experimento, lançado em bases estatísticas, para tratamento de pastagens.

TRATAMENTO DA COBERTURA HERBÁCEA DE UM COQUEIRAL

Trechos do coqueiral da Estação Experimental do Litoral, situada sôbre restinga próxima ao povoado de Pôrto de Galinhas, município de Ipojuca, em Pernambuco, encontravam-se cobertos com uma vegetação rasteira de vassourinha vermelha (*Cuphea flava*-Lythraceae). Sob a mesma e em pequena quantidade, haviam touceiras de capins diversos e a leguminosa conhecida como mela-perú (*Stylosanthes viscosa*).

(1) Chefe do Serviço Experimental da Diretoria da Produção Vegetal.
(2) Chefe da Secção de Botânica do Instituto de Pesquisas Agronômicas Secretária de Agricultura, Indústria e Comércio de Pernambuco.

Fizemos a pulverização de uma área de cerca de 200 metros quadrados do referido coqueiral com uma solução diluída de 2,4-D amina da Dow, na proporção de 3 quilos de ácido por hectare.

Esperávamos com esse tratamento a morte da vassourinha vermelha e demais plantas de folhas largas, dando uma possibilidade ao desenvolvimento das gramíneas nativas. Para nossa surpresa, porém, passou a predominar, de maneira quase absoluta o mela Perú. Não podemos afirmar se essa leguminosa possui marcada resistência à ação do ácido diclofenoxiacético usado, ou se deixou de ser atingida por ele, devido a estar situada sob o manto da vassourinha. É fato para comprovação posterior, ficando demonstrado porém, uma grande possibilidade para melhoria de cobertura de pomares e mesmo para pastagens ou campos de forragens, nas condições ecológicas do ensaio. O sistema radicular do *Stylosanthes* estava cheio de nódulos de bactérias, constituindo assim, uma indicação promissora sobre a espécie de leguminosa que deveremos empregar no plano experimental de cobertura que vamos realizar naquela Estação Experimental, de terrenos reconhecidamente pobres e silicosos e a maneira de tratá-la.

Em outro trecho do coqueiral, onde predominava o mato rasteiro conhecido localmente como velame (*Stigmaphyllon paralias* — MALPIGHIACEAE), fizemos uma pulverização com 2,4-D, amina, em solução aquosa e na proporção de 3 quilos de ácido por hectare ou sejam 5 quilos de Weed-Killer da Dow. Em lote vizinho pulverizamos com uma solução aquosa de Esteron Brush Killer da proporção de 5 quilos por hectare, ou sejam, cerca de 1,5 quilos de ácido diclofenoxiacético e 1,5 quilos de ácido triclofenoxiacético.

O efeito desse último tratamento foi mais positivo que o do primeiro, não chegando, porém, a eliminar o velame que, novamente brotou recobrando a área, dentro de 6 meses.

TRATAMENTO DE PASTAGENS

Em cooperação com o “Acôrdo de Fomento da Produção Animal” e o “Projeto n.º 2.º do ETA”, projetamos experimentos de tratamento de pastagens em que desejamos comparar,



Foto 1

Participantes do Seminário na escadaria do Instituto de Ecologia e Experimentação Agrícolas.



Foto 2

O Exmo. Sr. Ministro da Agricultura, General Ernesto Dornelles, discursando.



Foto 3
O Senhor Diretor Geral do C.N.E.P.A., Professor Waldemar Raythe, falando na Sessão Inaugural.



Foto 4
O Senhor Diretor do I.E.E.A., Professor Osvaldo Bastos de Menezes, dando as boas vindas aos participantes e salientando a importância do Seminário.



Foto 5

O Prof. Eudes de Souza Leão Pinto, professor da Universidade Rural de Pernambuco, apresentando uma tese na Sessão de Herbicidas em Diversas Culturas.



Foto 6

Discussão em Plenário de tese apresentada. (Eudes Souza Leão Pinto e Edgard Leite).



Foto 7

Painel na exposição durante o Seminário de Herbicidas no Saguão da Séde do Instituto de Ecologia e Experimentação Agrícolas.



Foto 8

Painel na Exposição do Seminário com relação das Instituições que trabalham com herbicidas em colaboração com o I.E.E.A., e dos herbicidas usados.

em bases estatísticas, o efeito de herbicidas seletivos com os métodos usuais de arrancamento das ervas e arbustos sem valor forrageiro ou o corte das mesmas com segadeiras, alfanges, estrovengas ou foices.

Segundo cálculos aproximados, que fizemos, não haverá grande diferença entre as despesas a serem realizadas com o primeiro e o terceiro método. Esse último é feito nas condições mais vantajosas por fazendeiros que segam, mecanicamente, as suas pastagens por meio de pequenas segadeiras com um metro de barra e tracionadas por animais ou tratores. Não podem usar tipos mais largos devido à irregularidade do terreno. Pensamos que nesses mesmos locais poderá ser empregado um pulverizador montado sobre trator e cobrindo uma faixa de 3 a 4 metros. A diferença no tempo de aplicação daria para cobrir as despesas com as drogas, ficando como vantagem a possível extirpação das espécies indesejáveis, dificilmente conseguida com a simples sega.

Já realizamos a primeira aplicação de herbicidas e demais tratamentos de um dos experimentos, em terrenos de encosta, de textura mediana, excessivamente pisoteados, porém, sem gado no momento, da Estação Experimental do Cedro, em Vitória do Santo Antão, onde a precipitação média anual oscila em torno de 1.000 mm.

Como produto químico empregamos o Arbocida da American Chemical Paint Company, que contém 226% de 2,4-D e 108% de 2,4,5-T, sob a forma de ésteres, nas proporções de 5 e 10 litros por hectare em solução aquosa de 750 litros, reforçadas com 20 e 40 l de óleo diesel, respectivamente.

As principais espécies encontradas, a eliminar, foram as seguintes:

<i>Nome vulgar</i>	<i>Nome científico</i>	<i>Familia</i>
1. Cabelo de gia	Mollugo verticillata	AIZOACEAE
2. Malícia	Schrankia leptocarpa	LEGUMINOSAE
3. Malícia grande	Mimosa sensitiva	LEGUMINOSAE
4. Mata pasto	Cassia tora	LEGUMINOSAE
5. Lava prato	Cassia hoffmannsggii	LEGUMINOSAE
6. Saude da mulher	Phyllanthus niruri	EUPHORBIACEAE
7. Velame	Croton campestris	EUPHORBIACEAE
8. Zunzo	Sida spinosa	MALVACEAE

<i>Nome vulgar</i>	<i>Nome científico</i>	<i>Família</i>
9. Zunzo	<i>Sida acuta</i>	MALVACEAE
10. Zunzo	<i>Sida glomerata</i>	MALVACEAE
11. Relógio	<i>Turnera ulmifolia</i>	TURNERACEAE
12. Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i>	SOLANACEAE
13. Jurubeba branca	<i>Solanum sp.</i>	SOLANACEAE
14. Gogoia	<i>Solanum aculeatissimum</i>	SOLANACEAE
15. Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i>	SCROPHULARIACEAE
16. Perpétua do mato	<i>Centratherum violaceum</i>	COMPOSITEAE
17. Tramanhem	<i>Vernonia Scabra</i>	COMPOSITEAE
18.	<i>Vernonia scorpioides</i>	COMPOSITEAE
19. Aleluia	<i>Eupatorium ballotaefolium</i>	COMPOSITEAE
20. Espinho de cigano	<i>Acanthospermum hispidum</i>	COMPOSITEAE

Espécie dominante

Na verificação, que fizemos 10 dias após a aplicação, encontramos mais murchas e com sinais de fenecimento as seguintes espécies: jurubeba, tramanhem, mata pasto, velame e zungo.

Como vemos, êsses resultados são, apenas preliminares e resultantes da primeira observação feita. Sòmente depois de 3 anos é que teremos os definitivos e que serão submetidos a análise detalhada, mormente quando executamos os planos projetados para outras condições ecológicas do Estado. Aqui os apresentamos, apenas, como pequeno subsídio e para receber a crítica experimentada dos que já vêm se dedicando a êsse assunto, há mais tempo.

Recife, 2 de julho de 1956.

Debateram êste trabalho:

a) Agr. S.C.A. Torres, perguntando se no "falso velame" empregou 2,4,5-T só ou em combinação com outro produto, tendo sido respondido que o empregou só;

b) Agr. João Camareiro, sugerindo que o Autor poderia incluir o 2,4,5-T entre os seus tratamentos;

c) Agr. S.C.A. Torres lembrando que a dosagem forte empregada pelo Autor talvez tenha agido com maior rapidez sem dar tempo a uma absorção completa do herbicida;

d) Agr. Nascimento Filho, falando sôbre a substituição da cobertura;

e) Prof. Honorio Monteiro Filho, procurando esclarecer a redução de eficiência dos herbicidas sôbre o Stylosanthes, diz que a existência de substâncias oleosas de revestimento da mesma talvez tenha influido.